

A PERGUNTA DE RAFAEL

Crônicas engavetadas. Tenho várias. Aqui está uma datada de abril de 1965. Como o assunto se tornou oportunnissimo resolvi publicá-la. Vejamo-la:

- 5 “Tarde de verão no interior da Bahia. Sombra gostosa de avarandado na fazenda. Bate-papo na “sombra com água fresca”. Quando se aproxima Rafael, já meio curvado sob o peso dos anos, cabeça quase branca exibindo o inverno dos janeiros. Vai chegando, suado, com o seu “boa tarde pra vomicês”. E uma observação sai de um dos presentes.
- 10 — Rafael, você já está bem maduro! Já está precisando de ser aposentado!
— Tou mesmo. Tou muito precisado de pusementadoria. mas quem é que pusementa?
Todos sorriram e ninguém soube responder. A conversa tomou outros
- 15 rumos, já não me lembro quais. O de que me lembro, o de que não consegui esquecer, foi da pergunta de Rafael: “Quem é que me aposenta? Os Rafaelais de todo este nordeste, de todo este imenso Brasil não tem quem os aposente!
Há uma quantidade muito grande, a grande maioria de trabalhado-
- 20 res rurais que não tem patrões. Não são, tais trabalhadores, empregados de ninguém, são trabalhadores de todos os visinhos: trabalham hoje a um fazendeiro, amanhã a outro, depois a outro, com intervalos de diárias dadas em suas próprias rocinhas, pequenas lavouras de mandioca, mamona, milho e feijão. Rafael, por exemplo, vive no seu “taquinho de chão” que não tem
- 25 capacidade produtiva capaz de dar sustento a uma família. Outros moram de favor em casa de fazendas, sem nenhuma ligação profissional com o fazendeiro proprietário! Pedem, às vezes, ao fazendeiro que permita fazer um rancho e botar uma roça; e o fazendeiro, quase sempre, accede. Assim, não há e não pode haver nenhuma obrigação do fazendeiro para o morador. Outros
- 30 moram em casinhas próprias, em povoados e arraiais. constituem, tais trabalhadores sem patrões, a massa de trabalhadores rurais. Quando envelhecem, ou adoecem, ficam “entregues ao Deus dará”. Conheço muitos velinhos que foram ótimos e incansáveis trabalhadores e vivem na humilhação da mendicância, morrem mendigos. Quando adoecem apelam para os chás de folhas
- 35 ou de raízes porque remédio de farmácia está se tornando, cada vez mais, privilégio de gente rica. Há os que têm filhos, vivendo em São Paulo e Paraná, mandando dinheirinhos pelo correio ou pelos bancos. mas são numerosos os que, por sua vez, são pais de muitos filhos, pouco ou nada podendo fazer por seus velinhos. E as gazetas e os discursos andam cheios de reforma agrária, de preocupações com ruralistas, trabalhadores do campo e etc. e tal. Mas a verdade, a verdade nua e crua, a verdade dolorosa é que a per-
- 40 gunta de Rafael continua sem ter quem se preocupe com ela. Os Rafaelais continuam sem amparo nas doenças e na velhice. Quando aparece alguém se referindo aos pobres, com palavras de amor para os pobres, quase sempre está é de olho nos votos dos ditos. Votos de pobres que se tornaram degraus de escada para cidadãos que nunca tendo se lembrado dos pobres, não tendo querido mistura com eles, se tornam, de repente, delicados, atenciosos, amáveis para os pobres... em vésperas de eleições...”
- 45 Até aqui, palavras da crônica escrita em 1965 e que, com várias outras que boto nos cadernos, vão ficando sem publicação. O ceticismo amarelo atuava perguntando e respondendo: “Publicar para que?! Não adianta!” Mas tal ceticismo não tinha mais razão de ser. Porque já havia acontecido o 31 de
- 50 Março de 1964. Acontecera a Revolução. A Revolução Brasileira, que se difere profundamente da Revolução Francêsa, da Revolução Russa, da Revolução
- 55 ção Cubana, de todas as revoluções do mundo. As outras produziram quilhotinas, campos de torturas, escravidões. A Revolução Brasileira faz mila-

grés, inclusive o milagre de responder a pergunta de Rafael. A Revolução nos deu Garrastazu Médice e Garrastazu respondeu a pergunta de Rafael mandando a previdência social levar-lhe o pão, a roupa, o remédio, o consôlo, a-
60 alegria a quase todos os Rafaelis do Brasil — que a quantia que eles estão recebendo significa tudo isto. Digo quase todos porque, infelizmente, ainda há Rafaelis velhinhos e tristes para cujos lares está proibida a dádiva da previdência. Pedreiros, carpinas, ferreiros, funileiros, sapateiros, pintores de parede,
65 enfim: todos esses pequenos artistas que sob o pêso de mais de 65 janeiros e da pobreza em todas as pequenas cidades e povoados deste imenso Brasil, estão sofrendo o desamparo pelo crime de não viverem da enxada, da lavoura. Quando procuram o Funrural encontram a porta fechada. E voltam mais tristes, com a dor doendo mais. Tendo dito a alguns deles: — Não se entristeçam: porque o mesmo Garrastazu que se lembrou dos pobres das roças não
70 vai ficar sem lembrar de vocês. Rezem pedindo a Deus que ilumine o Presidente. Com a certeza, certeza absoluta, de que tais preces não serão perdidas. Amem. Mundo Nôvo, Outubro de 1972.

EULÁLIO MOTTA

O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta